



JORNAL DE GARVÃO

Verba Volant Scripta Manent

Nº 30 - Abril de 2024

1,00 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

**Entrevista ao Presidente
da C. M. de Ourique
Dr. Marcelo Guerreiro
P. 4/5**



**Entrevista ao Capitão de
Mar-e-Guerra
Heitor Sequeira Alves
P. 5/6**



**Dr. JOAQUIM PEREIRA
DA COSTA
(1940 – 2021)
P. 15**

**EM MEMÓRIA DOS
PRESOS POLÍTICOS
DE GARVÃO PELA
P.I.D.E
P. 8/13**

**UM PAÍS ONDE ERA
PROIBIDO CANTAR
Lembrando:
- Amália Rodrigues
- Sophia de Mello Breyner
- Zeca Afonso
P. 16/17**



**Ficha da PIDE
de José Maria Manuel
“Zé Gateira”**

Editorial

O 25 de Abril, foi há 50 anos. Foi um dia em que muitos portugueses conheceram, pela primeira vez, a liberdade.

A democracia estava a chegar e a guerra iria acabar.

O país cansado, velho, bafiento, onde as proibições eram muitas, ferozes e injustas, e as permissões irrelevantes e insignificantes, dava lugar a uma nova realidade. No país onde era proibido pensar - e até vender Coca-Cola ou usar isqueiro sem licença - passava a ser proibido proibir, para usar a palavra de ordem de Maio de 68.

Já lá vão 50 anos. Assinalar o aniversário do 25 de Abril é, hoje, falar de um passado distante na memória, com muitas leituras e diferentes emoções. Mas é, ainda, um acontecimento em que a generalidade dos portugueses se revê.

Para celebrar, mas, também, para recordar e dar a conhecer o que foi o 25 de Abril, o Jornal de Garvão, decidiu lançar, no ano em que celebra 30 anos, esta edição especial.

A importância social de um jornal local, como fonte primária de informação, deve ser considerado como um dos mais importantes instrumentos de esclarecimento e divulgação.

Assim, este Jornal tem vindo a despertar a produção, a criatividade, o senso crítico e a participação direta dos participantes, desenvolvendo variados tipos de aptidão, além de transmitir, informações vocacionadas para a divulgação de histórias do quotidiano das comunidades locais e a recolha, tratamento e divulgação de notícias, institucionais e educativas a toda a comunidade e desenvolver habilidades de leitura, estimular a escrita e a criatividade e promover o diálogo e o debate.

Os jornais locais têm um papel muito importante na preservação das memórias locais, são um guardião das histórias, tradições e identidades, uma vez que registam informações de âmbito local e mesmo regional, de uma forma que nenhum outro meio de comunicação o faz e assumem um papel decisivo num mundo onde a globalização está cada vez mais instalada.

Daqui a umas gerações, quando só as notícias mais longínquas e de cariz nacional ou global restarem, apercebemo-nos de que nada saberíamos, se não fossem estes registos, sobre o que se passou na nossa terra ou sobre a sua história e património que paulatinamente vão desaparecendo.

50 Anos Depois Do 25 de Abril de 1974

Houve um período da história de Portugal, caracterizado por um regime político anti-democrático, ditatorial e repressivo que vigorou durante quarenta e oito anos.

Este regime, auto denominado Estado Novo, também conhecido por salazarismo, vigorou entre 1926 e 1974. A denominação de salazarismo deve-se ao chefe do governo que caracterizou este regime, António de Oliveira Salazar que governou de 1933 a 1968.

Não havia oposição política, nem eram autorizados partidos políticos, não havia liberdade de imprensa, cujos conteúdos informativos tinham de ser previamente aprovados por uma comissão de censura e, pela instituição da norma, *delitos políticos e sociais contra a segurança do Estado*, a polícia política conduzia às suas próprias cadeias privativas, milhares de homens e mulheres.

Qualquer oposição política era severamente reprimida pela polícia política, a PIDE, cuja capacidade discricionária de detenção e de instrução dos processos políticos, estava arredada dos meios constitucionais e democráticos e os opositores eram encarcerados nas prisões do regime e sujeitos a torturas e privações de várias ordens que se estendiam, inclusivamente, às suas próprias famílias.

Apesar deste estado de terror, a resistência política assumia várias formas, algumas dentro do próprio regime, outras oriundas dos meios católicos, outras de meios democráticos moderados e outras de cariz mais radical e mesmo extremista.

Se nos meios urbanos esta oposição se fazia sentir tanto nos meios universitários e nas unidades fabris entre outros lugares e sectores da sociedade portuguesa, nos meios rurais esta resistência fazia-se maioritariamente, entre os trabalhadores agrícolas.

O imobilismo político, a falta de oportunidades comerciais e a estagnação da agricultura, levou, inclusivamente, alguns proprietários, industriais e comerciantes a tomarem posições contra esta situação, mas eram essencialmente os trabalhadores agrícolas que mais sentiam os efeitos da falta de trabalho e carências de várias ordens, incluindo alimentares.

Surgiram, assim, vários núcleos de oposição em diversas vilas. Aproveitando a calada da noite e a incógnita do escuro, reuniam-se em segredo e distribuíam propaganda política; esta situação alertava as autoridades que procuravam por cobro a esta oposição e prender os intervenientes.

Em Garvão, apesar do sigilismo que esta situação comportava, os opositores, apesar de algum secretismo, eram conhecidos e inclusivamente, se desconfiava do local dos seus encontros, o que levou à prisão da maioria e á fuga de alguns.

Lembrando a entrevista dada a este Jornal em 1995, por José Guerreiro Cunha, preso em 1951, distinguimos, nesta edição especial do jornal, os presos políticos de Garvão.

JORNAL DE GARVÃO

Publicação Anual. Ano da Fundação: 1994.

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Editor: José Pereira Malveiro.

Colaboradores: José Daniel Malveiro, Francisco José Alves.

APOIOS: - Câmara Municipal de Ourique

- União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 13 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

<http://garvao.blogs.sapo.pt>

NOTA: Qualquer assunto de interesse relacionado com Garvão, enviar para jpmg6767@gmail.com

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a divulgação comercial, inserida neste jornal, não está sujeita a pagamento.



José Ademar Castanheira Lopes (Sargento-Mor)

Presidente da Assembleia da União de Freguesias de Garvão e Santa Luzia

Era quinta-feira, as aulas decorriam normalmente, quando ali pelas 16 horas, se fez uma grande algazarra, «há uma revolução em Lisboa, o governo vai cair, a Tropa está na rua. Hoje já não há mais aulas».

Sem qualquer consciência política, dizia para mim mesmo, não é possível que tal ocorra, já no dia 16 de Março aconteceu a mesma coisa nas Caldas da Rainha e o resultado foi o que se viu, rendição dos revoltosos. Ao contrário da minha ingenuidade, a revolução vingou e ainda bem para todos nós.

Volvidos 50 anos após este memorável acontecimento (25 de Abril de 1974/2024), será que tudo correu bem, sem qualquer sobressalto? É claro que houve muitos obstáculos que se atravessaram no caminho. Tentativas de golpes e contra golpes, atentados, felizmente poucos, embora demais para quem sofreu as suas consequências. Uma descolonização atabalhoada e feita à pressa, que não soube acautelar os interesses e a segurança dos nossos concidadãos, que foram forçados a regressar a Portugal. Contudo e em abono da verdade, dificilmente seria possível fazer mais e melhor, passar de um regime, autoritário, fechado e castrador de liberdades de pensamento e opinião, para um regime, democrático, plural e em que o povo livremente decide, foi obra..., embora, como disse, ter havido algumas escaramuças, que não impediram que o processo democrático avançasse.

O Movimento das Forças Armadas (MFA), no seu manifesto político, assegurava o princípio dos 3 Dês, Descolonizar, Desenvolver e Democratizar. A meu ver todos foram superados.

Descolonizar, finda a 2ª Grande Guerra, tornou-se justa a reivindicação pela autodeterminação dos povos. Portugal viu por diversas vezes as Nações Unidas aprovarem resoluções que condenaram o nosso País; este alheou-se e não acompanhou os ventos da história. Arrastou-se para uma guerra inglória, que teve como resultado a morte e o sofrimento de uma geração, bem como uma descolonização nada exemplar que levou ao regresso a Portugal mais de 600 mil portugueses, no espaço de poucos meses, causando feridas que ainda agora estão a ser saradas.

Desenvolver, a diferença é tão grande, que qualquer comparação pecará por defeito. A rede viária, a saúde, o ensino, a indústria, o turismo, a habitação, o apoio à infância e 3ª idade, a cultura. O grande amparo do nosso País foi a adesão, em 1986, à então CEE hoje União Europeia e este desígnio só se concretizou, porque vivíamos em democracia, caso contrário ficaria para sempre adiado.

Democratizar, um ano após a revolução, em 25 de Abril de 1975, realizaram-se as primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte; a partir destas, o calendário eleitoral cumpriu-se com total regularidade e normalidade. É preciso estar atento porque o processo democrático é dinâmico, nunca está completo, aperfeiçoa-se a cada dia que passa.

Cinquenta anos depois e afastados alguns profetas da desgraça que nunca acreditaram na mudanças dos tempos, curvo-me perante aqueles que de forma desinteressada, com o sacrifício da sua vida pessoal e até familiar, mantiveram acesa a chama da democracia e construíram este Portugal plural em que todos podem respirar liberdade, a todos eles o meu muito OBRIGADO.



Mariana Alexandre (Estudante de Direito)

A Revolução de Abril como Ponto de Partida para a Sociedade Presente no Século XXI

Ser jovem em Portugal, atualmente, é para todos nós um grande desafio. A situação economia e social presente no nosso país nos dias que correm, é sem dúvida, uma questão de importante debate e reflexão, principalmente para a nossa geração e para outras que estão por vir. Apesar de tudo, há que refletir sobre o passado, há que manter viva uma memória não tão nossa, mas daqueles que contribuíram para a construção dos valores e caráter de todos os homens e mulheres, crianças e jovens que compõem a sociedade atual.

O 25 de abril de 1974, é uma história com várias diegeses, é a história dos militares, daqueles que compunham o grande “celeiro de Portugal”, dos políticos e cidadãos, é a história de um povo colonizador e centenário que de tudo fez para mudar ideias, mentalidades e formas de organização político-social.

Creio que é possível afirmar que os valores implementados na madrugada de 25 de abril foram-se perdendo com o passar das estações, aquilo que para nós pertence a um passado longínquo, aquilo que para nós significa apenas uma pequena narrativa, foi para outros uma realidade. Não presenciamos o clima de opressão, censura, medo constante de viver, de fazer, de falar. Assim, torna-se, para nós, jovens, intitular este clima de dor como nosso, é difícil para seres humanos que cresceram com o grande alicerce social que chamamos liberdade, compreender e tentar manter presente que aquilo que nos é tão comum, em tempos não o era. Respiramos um mundo de oportunidades e, muita das vezes, não sabemos aproveitar este legado que nos foi entregue devido à coragem dos nossos antepassados. A escassez de cultura e responsabilidade política que vive dentro da comunidade atual é aterrorizadora, vivemos a pensar no dia de amanhã, esquecendo completamente o passado e o seu grande significado.

Falo pelos jovens da atualidade, falo por aqueles que, como eu, não presenciaram a vida do “antigamente”. Não posso falar por aqueles que sentiram o cheiro dos cravos da revolução, mas acredito que para os que continuam entre nós, encaram a presença da revolução na atualidade como um sonho que se pode vir a perder.



ENTREVISTA ao Câmara Municipal de Ourique Pelos 50 anos

- Sr. Presidente, estamos a comemorar os 50 anos da “revolução dos cravos”; para um Presidente de Câmara que nasceu depois do 25 de Abril de 1974, o que é que esta data lhe diz?

Sendo de uma geração que nasceu e cresceu em liberdade, tenho bem a noção da importância libertadora da data, que permitiu um caminho de desenvolvimento, de melhoria das condições de vida e de uma vivência com direitos e deveres. Num tempo em que quase tudo se relativiza e desvaloriza, é fundamental ter memória e valorizar o impulso dos Capitães de Abril, a afirmação do sistema democrático e as conquistas construídas nestes 50 anos. Como cidadão e como parte de uma comunidade, não há nada mais relevante do que a afirmação do sistema democrático pela liberdade, pela participação e pelos direitos adquiridos. Quem sempre respirou Liberdade, não deixa de ter noção, pela história e pela realidade de outros países, o que significa não a ter. A Revolução gerou um pressuposto das nossas vidas, que precisa de ser alimentado e protegido, porque os riscos existem.

- Consegue imaginar um período em que os presidentes de Câmara não eram eleitos, mas nomeados pelo governo?

Consigno como memória histórica, mas é uma aberração. O Poder Local democrático é uma das conquistas de Abril. A possibilidade de os cidadãos poderem escolher representantes para administrar as comunidades e os territórios, participarem nesse trabalho em diversos momentos e avaliarem os resultados alcançados é fundamental. Os autarcas são o estado de proximidade, estão mais próximo das pessoas e das realidades, podem, dentro das suas disponibilidades financeiras, responder às necessidades. Respondem perante as pessoas, não a um poder central qualquer. Estão para servir as comunidades e não um poder superior qualquer.

- Está previsto algum programa comemorativo, promovido pela Câmara, para a comemoração desta data tão importante?

O Município, com o apoio do Professor Vítor Encarnação, dos serviços municipais e do movimento associativo, preparou um vasto e diversificado programa de comemorações, entre o lazer e a memória, sempre com um sentido de valorização dos acontecimentos e do caminho percorrido. Podemos não ter feito tudo bem nos 50 anos e há ainda muito por fazer, mas não há comparação entre o Portugal

sombrio do Estado Novo e a realidade atual, desde logo, nas condições de vida. A democracia não se pode dar como adquirida, precisa de ser alimentada, porque há desgaste e os riscos existem. Precisamos de ter memória, ter uma afirmação pedagógica da Revolução e do caminho percorrido. Entre outras coisas, é por isso que temos várias exposições sobre o tema e vamos homenagear todos os autarcas de 50 anos de democracia.

- Sobre o despovoamento do nosso território e tendo em consideração o enorme esforço financeiro da Câmara, como a maior empregadora do concelho, contribuindo significativamente para a fixação das populações, (trabalhadores residentes no concelho e as respectivas famílias alargadas, pais reformados e filhos em idade escolar), qual é a percentagem do orçamento camarário, empregue com os funcionários?

Ourique é um território rural, do Interior do país, onde convergem todas as dinâmicas que afetam os territórios similares. A fixação da população passa pela geração de boas condições de vida e pela existência de oportunidades de realização profissional que vão muito além das existentes na estrutura da autarquia. É preciso ter presente as dinâmicas das IPSS, o investimento privado que é sempre bem-vindo e apoiado no nosso território e a existência de serviços públicos que contribuem para a criação de oportunidades. Não faz sentido um debate de confronto entre o público, neste caso municipal, e o privado, porque todos somos poucos para concretizar respostas e

oportunidades para as pessoas e as comunidades. Concretizar respostas e construir soluções precisa de recursos, é o que Ourique tem. Os recursos necessários para ter respostas de proximidade.

- Neste novo ano de 2024, que incentivos tem promovido a Câmara à fixação de novas empresas e à criação de novos postos de trabalho? Qual a mensagem que transmite aos empresários? E porquê investir neste Concelho?

Poderia falar na redução da derrama ou no processo de construção de um Centro Empresarial de Ourique cujo processo está a andar, prefiro focar-me na proximidade que existe na estrutura da câmara para o desenvolvimento de iniciativas



LINDAMIRA DÔLORES
DE BRITO CARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO

TÁSCA
MAGANA
TAKE AWAY
Bacalhau à Brás
Hamburguer
Omelete
Contacto p/encomendas:
961 464 238



PRESIDENTE da Ourique - Dr. Marcelo Guerreiro do 25 de Abril

privadas que acrescentem valor, criem dinâmicas positivas na economia local, valorizem o potencial produtivo do nosso mundo rural e sejam geradoras de oportunidades de emprego. Foi o que fizemos no passado com a Montaraz, é o que estamos a fazer com a Canhamôr ou com o Hotel de 5 estrelas da Torre Vã, por exemplo. Em Ourique, quem quer investir e fazer parte da estratégia de valorização do território, conta com um município do lado das soluções, naturalmente dentro da legalidade e da procura de sustentabilidade.

- Sobre a cultura em geral, está previsto a criação de algum regulamento municipal, onde se procura incrementar, não só as produções literárias dos seus habitantes, como também contribuir para a divulgação cultural e promoção do próprio concelho, incentivando ao surgimento de novos autores e/ou teses de Mestrado ou Doutoramento relativo às várias temáticas do nosso território?

A nossa identidade é um pilar fundamental da afirmação do concelho de Ourique. É por isso que de modo próprio e através do movimento associativo mantenho um amplo conjunto de atividades culturais, nas mais diversas áreas e em todo o território. Todas as iniciativas de produção cultural no concelho, individuais ou comunitárias, merecem atenção e potencial apoio como expressão criativa da nossa terra. Não tem havido a necessidade de existir um regulamento, mas existem diversos apoios à criação cultural, à preservação das tradições e às novas produções culturais. A riqueza da nossa identidade é uma marca agregadora e diferenciadora, faz parte da nossa estratégia de afirmação como território rural com futuro.

Por exemplo, vamos lançar o Regulamento do Concurso de Poesia Popular ASSESTA (Associação de Escritores do Alentejo) / Câmara Municipal de Ourique, sobre o tema “A Liberdade tem que se lhe diga”.

- Quais os apoios à leitura? Está previsto alguma forma de bibliotecas locais ou itinerantes no concelho?

O Município, através dos serviços municipais e da Biblioteca Municipal, tem concretizado um enorme esforço de promoção da leitura, para os diversos segmentos etários, com diversos tipos de iniciativas, também descentralizadas.

Estamos sempre disponíveis para amplificar as nossas ofertas de proximidade, para que cheguem a todos, em todos os pontos do concelho, dentro dos recursos existentes. Por regra, onde há uma necessidade, havendo vontade e recursos, concretizamos resposta. Temos uma visão integrada do território. Todos contam, todos são importantes.

- Tendo em consideração a enorme riqueza histórica e patrimonial de Garvão, o que é que preconiza fazer, para a preservação e divulgação deste património?

Garvão foi, é e será sempre um dos pilares da nossa afirmação como território rural com identidade, presente e sentido de futuro. Não se trata apenas da relevância do acervo do Depósito Votivo de Garvão ou da Feira de Garvão para o concelho, mas também de um esforço de divulgação do potencial turístico das diversas terras do nosso território. O grande desafio é gerar o interesse a quem nos visita para não se ficar apenas pela sede do concelho, é levá-los a percorrer uma rota de património, saberes e sabores, que permita boas experiências. Esse é um desafio que será reforçado com a entrada em funcionamento do Hotel da Torre Vã.

- Sr. Presidente, por último, na sua mensagem de Natal, afirmou que está ao lado da população, construindo soluções para os desafios do presente e do futuro. Garvão é terra de gente envelhecida e a única freguesia sem um

Lar; neste sentido, o que é que a Câmara tem previsto para dar resposta aos anseios da nossa população, com poucas possibilidades económicas?

Ourique é um dos territórios do país com mais apoios sociais para as crianças, os jovens, as famílias e a população sénior, que conta com um importante contributo das instituições particulares de solidariedade social do nosso concelho. Muitos dos apoios sociais e das iniciativas estão orientados para a população sénior, com proximidade dos serviços sociais do município e das freguesias. Não estando prevista nenhuma nova infraestrutura em Garvão, nesta área, acompanhamos a evolução das necessidades, trabalhando em conjunto com o setor social e os privados. O envelhecimento da população coloca cada vez mais desafios que temos de responder em conjunto.



ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisoes
Telef. 286 555 111
GARVÃO

Cont. N.º
901 697 621

MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.ºS
ARMAZENISTA — DISTRIBUIDOR

Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE



HEITOR SEQUEIRA

Capitão de Mar-e-Guerra

Natural de Garvão, em entrevista

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, registamos, com apreço, a entrevista concedida a este jornal, pelo Comandante Heitor, com residência na vila.

Que sirvam de contributo para que a data de 25 de Abril seja lembrada, em especial numa terra, com história antiga e onde os ideais republicanos e antifascistas eram partilhados pelas pessoas durante a longa noite fascista salazarista.

- Sr. Comandante, qual a relação que tem com Garvão?

Nasci em Garvão a 21 de Setembro de 1950, filho de Maria da Luz Sequeira Alves e Estêvão Fernandes Alves, neto de José Sabino Sequeira e Maria da Luz Vilhena Sequeira, residentes em Garvão.

- Quais são as suas memórias da sua vivência enquanto jovem em Garvão?

Os meus pais desde muito cedo partiram de Garvão para Viseu na Beira Alta. As minhas memórias de Garvão na juventude resultam da vivência das longas férias de Verão na casa dos meus avós, todos anos, até aos meus 14 anos, altura em que o meu avô materno faleceu. Lembro-me de um Garvão com actividade económica e agrícola, alguma indústria (já em regressão, pois a fábrica da cortiça foi deslocalizada para Alhandra), muita actividade ferroviária na Funcheira, noites de cante alentejano no Largo da Palmeira e actividade lúdica e televisão colectiva na Casa de Povo.

- Em que ano entrou para a Marinha?

Entrei para a Marinha, como cadete da Escola Naval em 1968, fui promovido a Guarda-Marinha em 1972. Reformei-me no posto de Capitão-de-Mar e Guerra em 2016.

- Fez algumas comissões no Ultramar?

Estive em Moçambique na Corveta João Coutinho em 1972 e início de 1973. Entre 1982 e 1989 na Licença limitada trabalhei em Angola como consultor



Cadete no Navio Escola Sagres

internacional nas Áreas das Pescas, Manutenção naval e industrial e equipamento militar junto do Governo Angolano. Entre 1991 e 2010 fiz parte de equipas de Cooperação Técnico-Militar com a Guiné-Bissau e Moçambique.

- Como se desenvolveu o Movimento dos Capitães, que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

O Movimento dos Capitães, começou por se desenvolver no Exército em 1973 por descontentamento profissional e por necessidade de parar a Guerra Colonial, tendo os Oficiais de Marinha que politicamente estavam organizados já desde os anos 60 (movimentos de cursos, organização nas unidades navais, comissões culturais) aderido ao Movimento e nele participando activamente na componente política e garantindo a neutralização de actividades hostis à movimentação militar dos camaradas do Exército.

- Onde prestava serviço no dia 25 de Abril de 1974 e qual a sua participação naquele Movimento?

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC.
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 - GARVÃO

MÁRIO
VELHARIAS - ANTIGUIDADES
938 241 910
GARVÃO - E.N. 123

BAR DA ESTAÇÃO DA FUNCHEIRA
RESTAURANTE
GRELHADOS
285 555 703
ESTAÇÃO DA FUNCHEIRA - GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Tel. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL
RECONSTRUIDOS
FEDIMA
LUBRIFICANTES
SHELL



UEIRA ALVES

a - “Um Militar de Abril”

a sobre os 50 anos do 25 de Abril

Estava colocado no Draga Minas Santa Cruz como Chefe de Máquinas, tendo navio participado activamente na neutralização de actividades hostis ao MFA (ameaças às forças do Salgueiro Maia no Terreiro do Paço) e acompanhado e apoiado a atitude dos camaradas da guarnição da Fragata Gago Coutinho que recusaram atacar essas forças do MFA, por ordem do Comando da Marinha ainda afecto ao regime fascista.

- Como era a situação política em Garvão, antes do 25 de Abril?

Lembro-me de ter passado uns dias em Garvão em 1971, onde estive num baile de Carnaval, muito animado por sinal e de ter falado com alguns jovens que expressavam desejo do fim da Guerra Colonial e de partirem para fora da terra pois a actividade económica e condições de vida eram difíceis; contactei alguns mais velhos contemporâneos dos meus pais e



Cadete no Draga Minas
Ribeira Grande

lutadores de longa data contra o fascismo, que manifestavam a permanente oposição ao regime vigente. Lembro-me com ternura da Lila* (uma personalidade que Garvão deveria valorizar na sua história) e da sua permanente disposição para ajudar os mais pobres e desprotegidos.

- Na sua opinião quais foram as consequências da Revolução dos Cravos, (como o 25 de Abril de 1974, também é conhecido)

A revolução de Abril tinha como programa os 3D do MFA

(Democratizar, Desenvolver e Descolonizar), na minha opinião é que, apesar das dificuldades, erros e objectivos incompletos de todo o processo, a situação actual, apesar dos perigos fascistas que espreitam, é muito mais positiva do que o regime que nos oprimiu durante décadas e todas as gerações vivas

devem lutar para preservar a liberdade e a independência do nosso povo e do nosso país e lutar para que a partida dos nossos jovens para o estrangeiro, por falta de condições no nosso país, seja estancada e que se rejuvenesça em todas as partes do país, em especial no interior.

- Tendo em consideração a enorme riqueza histórica e patrimonial de Garvão, o que é que o Sr. Comandante acha que se poderia fazer, para a preservação e divulgação deste património?

Um povo que perca a memória histórica, condena-se à irrelevância e põe em perigo o seu futuro como povo. Garvão tem um passado muito rico de sinais, eventos e pessoas com história. É necessário preservar tudo isso, com apoio do Estado, mas também com apoio e participação das pessoas, residentes, conterrâneas e potenciais habitantes futuros, jovens e idosos. Porém a atividade económica tem que existir e ela também participar, pois a tarefa de rejuvenescer tem de ser integrada. A criação, consolidação ou ampliação de um Núcleo Museológico é importante, devendo ser apoiado pela autarquia, pelas pessoas, empresas e mecenas. O Jornal tal como está configurado parece-me bom e culturalmente bem estruturado, fora das tentações das visões de paroquialismo, populistas e das influências político partidárias. Desejo o seu crescimento, aprofundamento e sustentabilidade e manifesto a disponibilidade de apoio dentro das minhas possibilidades e capacidades. Um bom ano de 2024 com futuro.

* Sr.^a Maria Assunção Amaro, (residia no Largo da Palmeira nº 5).



2º Tenente na altura do
25 de Abril



LEMBRAR OS PRESOS P

Os Subversivos de 1937

Com a suspensão das garantias democráticas consignadas na Constituição portuguesa de 1911, pelo regime político que saiu do golpe de estado de 28 de Maio de 1926, ilegalizando os partidos políticos e criando a sua própria estrutura de estado e um aparelho policial repressivo, apoiando-se na propaganda, na censura e no encarceramento dos opositores políticos, cedo fomentou a contestação de alguns sectores da sociedade portuguesa que se opunham à implantação de políticas cada vez mais autoritárias.

Com as datas de 1937 e posteriores, constam vários documentos da PVDE, (Polícia de Prevenção e de Defesa do Estado, antecessora da PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado), no arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, sobre residentes da vila de Garvão envolvidos em ações consideradas subversivas pelas novas autoridades e as consequentes ações repressivas do estado.

Os membros da célula comunista de Garvão, pertenciam a vários extractos sociais, desde trabalhadores agrícolas, ferroviários, (não fosse afinal a Estação da Funcheira conhecida como “Moscovo do Alentejo), proprietários/lavradores, comerciantes e profissões intermédias, como ferrador e sapateiro.

Com a data de 7/4/1937, consta um relatório:

Sobre uma investigação na freguesia de Garvão por ter sido feita uma intensa propaganda subversiva.

*O referido comando apurou que um individuo de nome **António Anastácio**, que se encontra fugido à justiça, era o principal animador da Organização comunista naquela localidade.*

*Que recebeu de Lisboa um rolo de panfletos subversivos entregues pelo **António Alberto**, não ficando qualquer dúvida que a intensa propaganda subversiva que se deu em Garvão, foi originada por essa quantidade de panfletos entregues a **António Anastácio** (...).*

*(...) **António Feliciano Serôdio** e **Manuel José Virgínia**, foram detidos por fazerem parte de uma célula comunista, organizada por **António Anastácio** (...).*

António Cunha e **António Anastácio** andaram largos anos fugidos à secção da Polícia, escondendo-se, tanto na serra de São Martinho, como consta nalguns relatórios e inclusivamente, em Faro, onde o Comandante da Polícia foi informado:

Os Fugitivos

(...) que se encontram nessa cidade dois individuos naturais de Garvão, de nomes **António Cunha**, solteiro, empregado de comércio, de 28 anos de idade, baixo, moreno, forte, cabelo e olhos pretos e **António Anastácio**, casado, ferrador, de 28 anos de idade, magro, franzino, um pouco corcovado, olhos e cabelo pretos que há cerca de três meses se ausentaram daquela vila, por serem procurados por esta Polícia, por serem acusados de propaganda subversiva, (...).

Por sentença de 22/3/1938 do tribunal militar especial:

*Condena-se os réus **António Alberto** de 31 anos, **António Feliciano Serôdio** de 46 anos e **António Anastácio**, ferrador, por desde o ano de 1934 em diante terem feito propaganda comunista de incitamento à indisciplina social e à subversão violenta das instituições na freguesia de Garvão, (...)*

Condena-se cada um dos réus a 23 meses de prisão correcional e na suspensão dos seus direitos políticos por 5 anos.

O Agente “SAGERBAX” O Calado Informador ou Agente da PIDE?

A ação da polícia política, em Garvão, incidia essencialmente, em identificar os responsáveis pela propaganda clandestina e efetuar várias diligencias para os identificar e capturar. O informador da PVDE/PIDE, em Garvão, José António Calado, o afamado farmacêutico, natural do Algarve e sargento da Legião Portuguesa, era o principal informador da PIDE na vila de Garvão e segundo alguns documentos assinava com o nome de código de “SAGERBAX”, (Xabregas), como aparece em vários relatórios.

Há uma Carta dirigida ao Comando da Polícia de Segurança Publica de Beja, pelo informador de Garvão que assina com o nome de código “SAGERBAX”, (Xabregas), sem data da emissão, mas com anotação a tinta vermelha, para “efetuarem as capturas” datada de 8-2-937.

Nesta carta, o autor, menciona:

*Informo V. Ex. cia que ao individuo **Manuel Virgínia**, trabalhador, foram encontrados por um seu colega de trabalho, na algibeira do seu capote, alguns manifestos idênticos aos que apreendeu a policia aqui, a **António Feliciano Serôdio**, cunhado d’aqule, isto nos últimos 15 dias.*

*Referindo-me aos fugitivos, lembro a V. Ex. cia que os mesmos se encontram há bastantes dias num monte na serra do caldeirão, freguesia de S. Martinho das Amoreiras, havendo na aldeia das Amoreiras (localidade entre S. Martinho e Garvão) um individuo de nome **Francisco do Marco** que frequentemente diz saber de há muito onde aqueles individuos se encontram, isto afirmou ele há dois dias a uns rapazes da sua confiança, dizendo mais, que se o obrigassem a dizer, que isso pouco lhe custava.*

*Isto vem justificar as várias saídas que ultimamente o pai do **António Cunha** tem feito para os lados da serra, sendo portador de sacos vários e que teem originado a desconfiança de algumas pessoas que eu tenho indicadas para me ajudarem na captura daqueles.*

*Como estou convencido já, que mais pessoas sabem do paradeiro d’eles, sendo um, o **Celestino da Costa Júlio**, que por ser um pouco mais esperto tem sabido escapar a tudo isto, mas que é sabido ser d’eles colaborador, mais ainda, mentôr, (...)*

*O **Manuel Virgínia** é dos trabalhadores rurais aquele que mais entusiasticamente defende o seu ideal (o Comunismo) tem sido ele e o cunhado o tal **Serôdio**, que mais manifestos espalharam pelos camaradas.*



POLÍTICOS DE GARVÃO

Tenho estranhado bastante que o Ex. Sr. Governador Civil depois de me haver dito que ia demitir o regedor e tendo-me em seguida pedido, que lhe indicasse um nome para o substituir, ainda o não tivesse feito, quando é certo que o mesmo regedor é absolutamente d' eles, tanto mais até por aqui já constar de ha muito que aquele ia ser demitido, e saberem tambem quem o ia substituir.

Como V.Ex.cia apreciará isto vem desprestigiar aquele ou aqueles que veem de ha muito cheios de fé e sinceridade, dando o seu apoio incondicional á Causa Nacionalista, eu tenho razões de sobejo para pedir a sua. Ex.cia a demissão imediata do regedor actual.

Como já é a segunda vez que me diz que o vai demitir e tal não acontece, leva-me a crer que aquele, um revilharista consciante, merece mais a sua consideração do que eu que como acima digo, ando a arriscar-me a ver se consigo limpar, separar os maus dos bons a fim de, poder de futuro contar aqui com um numero determinado de bons portugueses, mas que o não posso conseguir sem lhes demonstrar que nós de facto valemos mais apesar de ser-mos menos, e desde que eles saibam, como já é certo, que eu tenho pedido a demissão mais do que uma vez do regedor, sem que tal tenha sido dada, eu coloco-me em cheque, e os poucos bons que aqui existem não se definem e nem me dão o seu apoio, porque teem medo.

Agradeço também a V.Ex.cia o favor de n' este sentido falar ao Ex. Sr. Governador Civil, pois que, como diz o Nosso Chefe, OU ELES OU NÓS.

Os Presos de 1951

As primeiras notícias sobre as atividades desta célula comunista em Garvão em 1937 que se prolongaram até 1974, surgem em 1951, em relatórios da polícia política, acerca das atividades de incitamento à indisciplina social e à subversão das instituições na freguesia de Garvão, levadas a cabo por vários residentes: insere-se as respectivas fichas da polícia política, quando as há, e transcreve-se parte da entrevista de José Guerreiro Cunha, um dos que foram presos em 1951, em entrevista a este Jornal, em Maio de 1995:

Salvo o Sr. Zé Conduto, Sr. António Sequeira e o Sr. António Cunha que não foi preso nesta altura, mas andou fugido largos meses vivendo na ilegalidade; todo o núcleo de resistência de Garvão foi preso: José Guerreiro Cunha, António Anastácio, Chico Parreira, Zé Maria Gateira, Dioguinho, Francisco Cerva, Celestino Matoso Albino e o Sr. Chaves. Alguns procurados e juntos na loja do Sr. Sabino, seguem para Ourique, Beja e finalmente Caxias e Aljube, onde são sujeitos às mais variadas formas de humilhação e tortura pelos seus captosres.

Na sua segunda prisão: *estavam reunidos pelas 5/6 horas da manhã na loja do Sr. Zé Conduto, (nº 20 da actual Rua 25 de Abril), á espera de propaganda política para ser distribuída, e quando saem estavam cercados, com guardas no princípio e fim da rua Direita, (actual Rua 25 de Abril). Separam-se pela travessa junto ao Sr. Arnaldo, Zé Conduto fica em casa e é preso, Sr. António Anastácio escondeu-se no Serro do Moinho, Zé Guerreiro Cunha procurou refúgio na horta do tio Alfredo Guerreiro.*

A Tortura

A PIDE recorreu a vários métodos de tortura, com a finalidade de extorquir dos presos o que sabiam e o que não sabiam, através dos mais sofisticados métodos de torturas físicas e psicológicas, onde predominaram os espancamentos e agressões bárbaras.

Os presos eram encarcerados em celas individuais, designados “curros”; por vezes em regime de total incomunicabilidade, com a finalidade de os debilitar e de os torturar psicologicamente, para os tornar indefesos e mais vulneráveis.

As prisões eram arbitrarias, por vezes sem culpa e por mera denúncia, os domicílios eram invadidos a desoras, por polícias que capturavam os cidadãos sem mandados de captura. Milhares de portugueses foram deportados, pelos tribunais do regime, cujos Tribunais Plenários falseavam a independência dos juizes – na verdade nomeados pelo próprio governo.

Ainda segundo **José Guerreiro Cunha**: (...) estive trinta dias incomunicável em Aljube, numa cela que mal dava para estar de pé, só ouvia o batuque nas paredes dos seus companheiros tentando comunicar uns com os outros. Neste isolamento sentia, por vezes, que alguém enlouquecia.

Nas longas horas de interrogatório, na sede da policia politica, na rua António Maria Cardoso, em Lisboa que durou dois meses, nos quais os carrascos se rendiam uns aos outros, era obrigado a estar de pé, sofrendo pontapés e bofetadas. A tortura do sono e estátua eram frequentes para além de outras torturas morais e físicas.

Segundo a publicação *Prisões da P.I.D.E* de 2019, por Luís Farinha (Diretor do Museu do Aljube Resistência e Liberdade): *Os métodos mais comuns de tortura incluíam a “tortura do sono” que deixava o preso sem dormir durante vários dias, por vezes até às duas semanas. Ao fim desse tempo, o preso começava a sentir alucinações e perturbações de toda a ordem que o levavam a «ausências» completas da realidade. Um outro processo também bem conhecido de todos os que passaram pelas cadeias da PIDE era o “método da estátua”, que obrigava o preso a permanecer nessa posição até à exaustão física e lhe provocava enormes inchaços nos membros inferiores.*

Segundo informação de **José Guerreiro Cunha**, **José Gateira** foi dos presos políticos, levados de Garvão que mais tortura e violência física sofreu no corpo, por se negar a dar qualquer tipo de informação que pudesse levar à prisão dos restantes membros do núcleo anti-situacionista.

As suas transferências das instalações da PIDE para o Aljube e Caxias demonstram os vários interrogatórios e torturas a que foi submetido.

Recorda-se assim, pelos cinquenta anos do vinte cinco de Abril, **José Cunha, António Anastácio, António Cunha, Francisco Parreira, José Maria Gateira, Zé Dioguinho, António Sequeira, José Conduto, Celestino Matoso Albino, Francisco Serva, Jacinto Chaves, António Alberto, António Feliciano Seródio, Manuel José Virgínia e Celestino da Costa**, porque se torna importante recordar a História destes resistentes da Vila de Garvão, não só para aprendermos com as lições do passado, como, também, para nos prepararmos para as vicissitudes do presente e para os desafios e incógnitas do futuro.



(Segue na página seguinte)

OS PRESOS POLÍTICOS DE GARVÃO PELA PIDE

20423. José Maria Manuel ou José Gateira

Solteiro, Sapateiro.

Naturalidade. Freguesia Santa Luzia – Ourique

Data do nascimento. 1-3-1918

Filiação. Manuel Fortunato e de Maria Bárbara.

Residência. Rua das Eirinhas – Garvão.

Processo nº 198/951

Preso por esta Polícia em 8-9-51, em Garvão, para averiguação, tendo na mesma data, recolhido aos calabouços da P.S.P. de Beja. Transferido para esta Directoria em 10-9-51, recolhido à Cadeia de Aljube.

Transferido em 21-9-51 para o Depósito Presos de Caxias.

Transferido em 9-10-951, para a Cadeia do Aljube.

Transferido para o Depósito Presos de Caxias em 18-X-951.

Restituído à liberdade em 12-XI-951.

O registo das várias transferências e interrogatórios a que José Maria Gateira, foi submetido, comprova as declarações de José Guerreiro Cunha a este jornal em Maio de 1995: que José Gateira foi dos presos políticos, levados de Garvão que mais tortura e violência física sofreu no corpo. Apesar da brutalidade que sofreu na altura da captura e das subseqüentes torturas pelos interrogadores da PIDE, sempre se recusou a fornecer qualquer informação sobre os restantes membros da célula oposicionista em Garvão.



José Maria Gateira com 33 anos

Nº 20437. Celestino Matoso Albino

Casado, Ferroviário.

Naturalidade. Monte Aivados. Castro verde.

Data do nascimento 24-9-1920

Filiação. Adriano Romão Albino e de Maria Inácia.

Residência. Funcheira - Ourique.

Processo nº 198/951

Preso em 15-9-51, por esta Polícia na Funcheira, por suspeita de pertencer ao "Partido comunista", tendo dado entrada nesta Directoria na mesma data, recolhendo ao Depósito Presos de Caxias.

Restituído à liberdade em 10-XI-951.



Celestino Matoso Albino com 31 anos

Nº 20420. José Guerreiro Cunha

Solteiro. Empregado de Comércio.

Naturalidade. Garvão – Ourique

Data do nascimento. 1-6-1931

Filiação. José Guerreiro Cunha e de Maria Guerreiro.

Processo nº 198/951.

Preso por esta Polícia em 8-9-51, em Casével, por suspeita de pertencer ao "Partido comunista", tendo dado entrada nesta Directoria em 9-9-51, recolhendo ao Depósito Presos Caxias.

Transferido em 9-10-951, para a Cadeia do Aljube.

Transferido para o Depósito de Presos de Caxias em 18-X-951.

Restituído à liberdade em 30-XI-951.



José Guerreiro Cunha com 20 anos



Nº 20421. Francisco Manuel. “O Francisco Serva”

Casado, Carpinteiro.

Naturalidade. Garvão - Ourique.

Data do nascimento 8-11-1925

Filiação. Manuel Jacinto António e de Emília Maria.

Residência. Garvão - Ourique.

Processo nº 198/951

Preso por esta Polícia em 8-9-51, em Casével, por suspeita de pertencer ao “Partido comunista”, tendo dado entrada nesta Directoria em 9-9-51, recolhendo ao Depósito Presos de Caxias .

Restituído à liberdade em 5-XII-951.



**Francisco Serva
com 26 anos**

Nº 20425. Francisco António ou Francisco Parreira

Casado, Trabalhador rural.

Naturalidade. (sem indicação)

Data de nascimento. 25-4-1893.

Filiação. António Gusmão e de Cândida Maria.

Residência. Rua do Castelo – Aldeia de Garvão.

Processo nº 198/951

Preso por esta Polícia em 8-9-51, em Garvão, para averiguações, recolhendo aos calabouços da P.S.P. de Beja.

Transferido para esta Directoria em 10-9-51, recolhendo ao depósito Presos de Caxias.

Restituído à liberdade em 5-XII-951.



**Chico Parreira
com 58 anos**

Nº 20484. José Diogo Manuel “O Zé Dioguinho”

Casado, Trabalhador.

Naturalidade. S. Martinho das Amoreiras.

Data do nascimento 12-9-1883

Residência. Garvão.

Processo nº 198/95

Preso por esta polícia em 24-10-51, em Garvão, por suspeita de ser comunista, tendo recolhido aos calabouços da P.S.P. de Beja.

Transferido em 25/10/51 para esta Directoria, tendo

Recolhido à cadeia de Aljube.

Restituído à liberdade em 12-XI-951.



**Zé Dioguinho
com 68 anos**

Nº 20417. Jacinto António Costa Chaves, “O Chaves”.

Casado, Ferroviário.

Naturalidade. Freguesia de Entradas.

Data do nascimento 27-8-1918

Filiação José António Chaves e de Delfina da Costa.

Residente na Funcheira

Processo nº 198/951

Preso por esta polícia em 7-9-51, na Funcheira, Beja, para averiguação, tendo na mesma data dado entrada nesta Directoria.

Transferido em 9-10-951, para a cadeia de Aljube.

Transferido para o Depósito de presos de Caxias em 18-X-1951.

Restituído à liberdade em 5-XII-951.



**Jacinto António
Costa Chaves
com 33 anos**



(Segue na página seguinte)

OS PRESOS PELA PIDE EM GARVÃO (Sem ficha)

Apesar de não se descobrir as fichas, (por motivo de extravio ou mesmo por estrago, segundo informação do Museu do Aljube – Resistência e Liberdade e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), foram estes os seguintes presos:

- **António Anastácio Gago.** - **António Cunha.** - **António Sequeira.** - **António Alberto.** - **Manuel José Virgínia.**
- **Celestino da Costa.** - **António Feliciano Serôdio.** - **José Conduto.**

Estes, constam, nos vários relatórios da polícia política, diversas informações, dirigidos às várias entidades envolvidas, (agentes da PIDE, GNR, PSP e informadores em geral), na denúncia e prisão das células da oposição, tanto sobre a actividade dos opositores, como das várias diligências para os prender e interrogar.

Como se observou nas páginas 8/9, os vários relatórios de um comando da PIDE, devido a uma intensa propaganda subversiva, datados desde 7/4/1937, sobre uma investigação na freguesia de Garvão, denunciavam vários residentes na vila: das diligências efectuadas para os prender, incluindo perseguições a familiares, nomeadamente esposas, apreensões de correspondência privada, buscas e invasões de domicílio familiar, das fugas, mandados de captura, prisões e sentenças a que foram condenados.

Estes resistentes da vila de Garvão, a tudo isto suportaram e sucessivamente, ano após ano, continuaram a sua contestação, com graves consequências para as suas famílias. Os mais elementares direitos humanos eram ignorados e subjugados pelo regime: a tortura era prática corrente, a denúncia era geral, a suspeita de vizinhos ou amigos era generalizada, bastava uma denúncia de um “amigo”, para ir parar às prisões do regime, como Aljube, Caxias, ou o Forte de Peniche, ainda hoje lembrados como antros de terror e de loucura, onde a tortura e judiarias eram prática corrente, utilizada pelos carrascos para obtenção de informações.

Houve outros residentes da vila de Garvão, presos pela PIDE, que não estão mencionados nestes relatórios, dos quais se destacam, Calisto Joaquim, na página dezoito e António Jacinto Maria, conhecido por Ti Farrapinho, na página desanove.

Carta do Comando da Polícia de Segurança Pública de Beja

**Para: José António Calado.
(O Agente/Informador da PIDE em
Garvão)**

*Exmo. Snr. José António Calado
Garvão*

Tendo V. Ex^a informado este Comando que Francisco do Carmo, residente na Aldeia das Amoreiras, conhecia o paradeiro de António Anastácio e António Cunha, por o ter dito a uns rapazes da sua confiança e tendo o mesmo sido detido e negado conhecer o local onde os referidos indivíduos se encontram, rogo a V. Ex^a o favor de me informar, com a urgência possível, da identidade e residência dos indivíduos a quem o referido Francisco do Marco disse saber onde os aludidos indivíduos se encontravam a fim de serem acareados, caso o que solicito não prejudique a confidencia usada.

A Bem da Nação

Beja, 18 de Fevereiro de 1937

O COMANDANTE

Joaquim Gonçalves Duarte de Silveira

Tenente

António Anastácio Gago

António Anastácio Gago, ferrador, natural de Garvão, nasceu dia 27/12/1909, filho de Alfredo do Carmo e de Cleonice Anastácia Gonçalves. Ferrador, Casou com Maria Emília Lança. Faleceu dia 12/11/1990. Morava na Rua de Ourique.

Reconhecido combatente anti-fascista na vila de Garvão, preso sucessivamente desde 1937, principalmente por ocasiões de eleições ou nos dias anteriores ao Primeiro de Maio. Andou vastos anos na clandestinidade, a receber e distribuir propaganda e em secções secretas de esclarecimento político.

Segundo informação familiar, a sua ficha teria sido queimada, pelo próprio director da PIDE, Silva Pais.



António Feliciano Serôdio

António Feliciano Serôdio, nasceu em Garvão dia 20/7/1890, filho de José Feliciano Serôdio e de Teresa Maria, casou com Cândida Maria Colaço. Trabalhador agrícola, Faleceu dia 10/4/1972.

Morava na Sardoia, Garvão.

Em 7/4/1937, foi detido por fazer parte de uma célula comunista em Garvão, tendo-lhe sido apreendido vários manifestos políticos no seu bolso. Em 22/3/1938, foi condenado a 23 meses de prisão correcional e os seus direitos políticos suspensos por 5 anos, por, desde 1934, ter distribuído propaganda comunista de incitamento à indisciplina social e à subversão violenta das instituições na freguesia de Garvão.



António Sequeira

António Francisco Sequeira, nasceu em Garvão, dia 11/7/1908, Filho de Manuel Francisco Sequeira e de Mariana Francisco Sequeira, *Ferrovário*. Casou com Mariana Francisco. F. 5/2/1999. Morava na *Funcheira*. Foi presidente da Junta de Freguesia de Garvão em 1978.

Estava reunido na loja de José Conduto, pelas prisões de 1951; foi o segundo presidente da Junta de Freguesia de Garvão depois do 25 de Abril.

**Lápide no
Cemitério de
Garvão**



Resposta do Agente/Informador Calado que assina com o nome de código “SAGERBAX”, (Xabregas), ao pedido do Comando da Polícia de Segurança Publica de Beja.

Ex.mo Sr. Comandante da Policia de Segurança Publica de Beja .

Informo V.Ex.cia que uma das pessoas a quem o Francisco do Marco afirmou saber do paradeiro de **António Anastácio e António Cunha**, foi ao Joaquim Ferreiro de S. Martinho de Amoreiras (sede de freguesia) ouvi eu este dizer naquela localidade, no dia 26 de Dezembro de 1936, estavam presentes no momento, António Guerreiro Silva Graça comerciante, José Nobre Semedo, proprietário, falando-se dos individuos fugidos, o Joaquim Ferreiro disse (eles até teem falado com pessoas conhecidas, naturalmente estão aqui próximo, ainda ha dias o Francisco do Marco da Aldeia das Amoreiras afirmou que sabia onde eles estavam) e que por varias vezes o tinha afirmado também a outras pessoas, dizia simplesmente que sabia onde eles estavam.

O Francisco do Marco é intimamente amigo dos fugidos, estiveram juntos na mesma unidade prestando o serviço militar na Escola Pratica de Artilharia, em Vendas Novas.

Depois de se dizer aqui que a Polícia havia apreendido uma carta em casa do **José Joaquim Cunha**, pai do **Cunha** fugido, e que na mesma dizia saber o viajante Sampaio, também onde os referidos fugitivos se encontravam, o especto das pessoas de familia daqueles mudou imediatamente, mais apreensivos, tristes, especialmente a mulher do **Anastácio**.

Dois dias depois da estada aqui da Polícia apareceu o referido caixeiro-viajante estando em casa do **Cunha**.

Devo informar V.Ex.cia que o viajante é dos tais que não enganam, é absolutamente Antisituacionista dos tais que até fazem propaganda. O regedor enquanto a Policia inquiria o **Cunha**, comunicava a toda a gente o que ali se estava passando, entretanto, o **Celestino da Costa** saia para fora da localidade e só voltou quando a Polícia já tinha saído.

Os membros que fazem parte da atual Direcção da Sociedade Instrução e Recreio são absolutamente irresponsáveis não tendo eles feito até conforme indicam os Estatutos a eleição no fim do ano.

O Presidente da Direcção quasi que nem o seu nome sabe escrever, tudo isto trabalhado pelo **Celestino da Costa** que indicou aqueles individuos que chegava a vez de fazer parte da Direcção, todavia é ele que atras do reposteiro continua dirigindo a Sociedade, só por uma questão de cobardia deixou o cargo que até ali vinha desempenhando.

Enquanto este não apanhar o seu susto não deixa de envenenar os pobres de espirito, era uma necessidade a sua saída temporária da localidade.

No dia 10 do corrente em Ourique um número de individuos dali, saíram tocando pelas ruas da Vila levando um deles á frente um pano imitando uma bandeira, um pano como disse, branco com os dizeres, **Banda da Fome**, estes trajavam fato de ganga azul, trauliteira da mesma cor, com um lenço encarnado em redor do pescoço.

E assim a referida Banda passou por várias vezes em frente do tribunal e várias também junto da residência do Sr. Administrador do Concelho até que se aborreceram em virtude da censura de alguns individuos, indo depois de deixarem em suas casas os instrumentos, para as várias adegas saindo algum tempo mais tarde com ditos e vivas a seu modo. Isto faz-se numa terra onde ha Autoridade.

“Sagerbax”

(Sem data)

Em nota de rodapé escrita à mão e a lápis: consta que batiam numa foice com martelo. Outros dizem martelo e picareta.

José Conduto

José Conduto, nasceu em Garvão por volta de 1920. Filho de Domingos Conduto e de Ana Rosa Fernandes (Ti'Ana da Crimeia), Comerciante, com loja e residência na Rua Direita em Garvão. Faleceu nos anos sessenta do século XX.

Foi na loja de José Conduto, onde o núcleo comunista se encontrava reunido, que se deram as prisões de 1951; não fugiu e foi preso na própria casa.



Celestino da Costa

Celestino da Costa, nasceu em Garvão dia 25/1/1903, filho de Eduardo Brito Júlio e de Maria Gertrudes da Costa Júlio, lavradores dos Cachorros, Monchica e Pézinha, F. 13/12/1977. Proprietário. Casou com a Professora D. Ilda. Morava na Rua Direita em Garvão.

Consta em vários relatórios da polícia, como mentor da anti-situacionista “sociedade” e opositor político. Andou fugido, para escapar à prisão. Era irmão de José Júlio da Costa que matou o presidente da República Sidónio Pais e foi o primeiro presidente da Junta de Freguesia de Garvão, depois do 25 de Abril.



Manuel José Virgínia

Manuel José Virgínia. Nasceu dia 16/2/1894, em Santa Clara-a-Nova. Filho de José Manuel e de Virgínia da Conceição. Trabalhador agrícola. Casou com Maria Augusta Colaço, F. 25/5/1979. Morava na Sardoá.

Tal como o seu cunhado, António Feliciano Seródio, foi preso e setenciado a 23 meses de prisão.



António Cunha

António Cunha, nasceu dia 3/7/1909. Filho de José Joaquim Cunha e de Maria Carolina Gonçalves. Comerciante, casou com Virgínia de Matos; faleceu dia 22/1/1974. Morava na Travessa do Álamo, em Garvão.

Andou fugido largos anos, na serra de São Martinho e no Algarve, depois das prisões de 1951.



António Alberto

António Alberto, nasceu em Garvão, dia 2/1/1905, filho de Alberto José e de Mariana Augusta, casado com Custódia Cecília. Ferroviário. Faleceu dia 25/11/1980. Morava na Rua do Poço da Várzea, Garvão.

Pela investigação da polícia política, António Alberto, era um dos distribuidores panfletos subversivos; recebia-os em Lisboa e fazia o transporte até Garvão. Em 1938 foi condenado a 23 meses de prisão e os seus direitos políticos suspensos por 5 anos.



O QUE É QUE REPRESENTA PARA SI O 25 DE ABRIL?

O 25 de Abril, foi ou ainda é, uma revolução que fez com que as pessoas tenham liberdade, de expressar tudo o que sentem, desde pensamentos até sentimentos, sem serem julgados ou censurados por “superiores”.

O 25 de abril é poder sair à rua sem medo, medo este de mostrar quem somos... “A nossa liberdade acaba quando começa a dos outros”. **Ana Maria Matos, 13 anos.**

É a gente andar na liberdade, à vontade.

Sem medo de ser preso, ou de ser denunciado.

Augusto Joaquim (Charrua), 91 anos de idade.



Hoje, graças à conquista de 25 de Abril, (a Festa dos Cravos), já podemos falar livremente, escrever o que nos apetece, o voto é livre, acabaram os censores e a PIDE.

Abril é todos os dias, desde que tu queiras. Esta é a melhor homenagem que poderemos prestar a quem fez a Revolução dos Cravos.

Com o 25 de abril, encerraram-se os 13 anos de guerra colonial.

Fernanda de Assunção Sobral Franco, 84 anos de idade



Foi uma revolução que pôs fim à ditadura. Era um regime onde as pessoas tinham medo, não tinham liberdade e não se expressavam livremente.

Acho que a Liberdade que temos actualmente, não é demais, mas tudo depende de cada um, hoje há um afastamento entre os políticos e a população em geral e há cada vez menos pessoas a irem às urnas votar e a expressar a sua opinião.

Carlos Reis, 37 anos



O 25 de Abril de 1974 é uma data que jamais será esquecida pelos portugueses. A Revolução dos Cravos, como ficou conhecida, marcou o fim de uma longa ditadura e o início de um novo capítulo na história do país, notória pela sua natureza pacífica na procura da liberdade e justiça.

Na minha opinião, esta data representa todo um grito de liberdade e democracia com um impacto profundo na sociedade portuguesa.

No entanto, e como qualquer evento histórico, há uma variedade de perspectivas e também críticas sobre o 25 de abril.

Considero que a revolução não resolveu todos os problemas sociais e económicos do país, deixando questões bastante relevantes como a pobreza, desigualdade, corrupção... persistirem, infelizmente, até aos dias de hoje. Além disso, esta transição para a democracia enfrentou diversos desafios significativos, como por exemplo, a instabilidade política.

Na minha opinião, é importante reconhecer, o sucesso e os desafios enfrentados durante este período de transformação histórica que mudou Portugal. O 25 de Abril ensina-nos que é possível lutar por um futuro melhor. É um dia para lembrar que a mudança é possível, e que o povo tem o poder de construir um país mais justo, livre e democrático, por isso, o considero tão importante.

Beatriz Alexandre, 16 anos



Representa Liberdade, (não libertinagem).

Defendo a Democracia, na sua plenitude que se traduz no respeito pela opinião do outro cidadão, em todas as vertentes da vida, e obedecendo ao resultado eleitoral, saído de votação secreta, quando chamados a decidir sobre assuntos relevantes para o nosso País.

Francisco José Alves, (Chico Zé), 72 anos de idade.

Foi uma revolução em que ganhámos mais direitos e liberdade de expressão.

Foi um grande marco histórico porque passámos da censura para a liberdade de dar-mos a nossa opinião.

Ana Isabel José Guerreiro, 19 anos



Sendo eu um jovem de 18 anos, o 25 de Abril para mim significa várias coisas, mas a principal é o M.F.A. que derrubou o regime vigente.

Nasci numa fase em que era livre o direito do voto e a liberdade de expressão, como não havia antigamente.

Para nós jovens que não temos a noção do que se passou nessa época, é sempre importante tomarmos conhecimento do que era o nosso País antigamente e do que se tornou agora.

José Diogo Rosa, 18 anos



LEMBRANDO

Dr. JOAQUIM PEREIRA DA COSTA (1940 – 2021)

Advogado de reconhecido mérito e antifascista, envolveu-se nas lutas contra a ditadura, desde a década de 50. Cidadão íntegro, que se destacou pela generosidade e coragem com que se bateu sempre pela Democracia e na defesa de presos políticos nos tribunais plenários fascistas. Advogado de sindicatos e profundo conhecedor do Direito, era também um homem de cultura invulgar.

Joaquim Pereira da Costa nasceu em Garvão, concelho de Ourique, a 27 de Maio de 1940 e faleceu a 4 de Junho de 2021, em Lisboa. Filho de Joaquim da Costa Júlio, nascido em Garvão, irmão de José Júlio da Costa – portanto, família republicana e de oposição ao fascismo, também Advogado, na Comarca de Setúbal, republicano e firme opositorista ao Estado Novo, e de Maria do Céu Pereira, Professora Primária, passou a infância entre Setúbal, a que ficou sempre ligado, às terras em que a sua Mãe foi colocada, completando a instrução primária na Aldeia da Piedade – Azeitão. Aí, nesse momento, definiu parte do que foi a sua vida de trabalho: ao completar a quarta classe, com certificado de excelência e recebendo um prémio de “quinhentos escudos” que se encarregou de partilhar com os seus (1).

Completando, depois e sempre com reconhecido mérito, o ensino secundário entre o Liceu de Setúbal, até ao quinto ano, e o Liceu Camões, em Lisboa, até ao sétimo ano, tomou a iniciativa de se matricular na Faculdade de Direito de Coimbra. Aí, foi recebido pela Oposição democrática, tendo, por convite de Ivo Cortesão e Joaquim Namorado, feito parte do Conselho de Redacção da Revista Vértice.

Residindo na República “Prá-Kys-Tão”, desde cedo se envolveu nas lutas estudantis, assinando, em Maio de 1959, em conjunto com mais 401 estudantes das Academias, a célebre carta a “solicitar ao Presidente do Conselho que, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, se afastasse”. De seguida, já na qualidade de dirigente da Associação Académica de Coimbra, participou activamente no movimento que deu origem à “Crise de 61”, assumindo sempre como premissa a luta pela Democracia. Foi com esse compromisso que, já Advogado, se tornou defensor de presos políticos, no “Tribunal Plenário”, assumindo especial destaque a vigorosa defesa que apresentou no denominado “processo Daniel Cabrita”, amplamente divulgada nos meios oposicionistas.

Ainda na década de 60, tornou-se Advogado do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, coordenando, mais tarde, o seu contencioso e participando, activamente e em conjunto com colegas dos Sindicatos dos Bancários verticais, na contratação colectiva do sector, que deu origem a um instrumento jurídico-laboral absolutamente essencial no desenvolvimento dos direitos dos trabalhadores nas mais diversas áreas de actividade, que nele se inspiraram, graças à sua qualidade técnica: o Acordo Colectivo de Trabalho do Sector Bancário, com disposições específicas e garantias laborais que ainda hoje permanecem actuais e adaptadas aos tempos que vivemos.

Profundo conhecedor do Direito, que ensinava a todos os que a si, diariamente, recorriam, homem de cultura invulgar

e possuidor de um sentido de humor cirúrgico, assumiu a Advocacia como se da sua vida se tratasse. Sem medo de usar a palavra, corajoso, íntegro, fiel, leal, foi um Colega duro, exigente, que respeitou a Toga e, sobretudo, que nunca permitiu que ninguém afrontasse a Advocacia e a Liberdade (2).

Em conjunto com os Colegas que corajosamente defenderam presos políticos durante a ditadura, foi, em 2014, homenageado na Assembleia da República (3). Sempre que o questionaram sobre a estratégia processual a adoptar em processos dessa natureza, a resposta foi simples: “na defesa dos Direitos Fundamentais, o Advogado utiliza o Direito. É o que sabe e deve fazer.” Foi com esse desassombramento que enfrentou a vida e foi essa ideia de “ser livre” que deixa em legado.

Recebeu a medalha comemorativa dos 50 anos do exercício da Advocacia em Setúbal, no ano de 2016. (4)

Era casado com Maria Ângela Pereira da Silva e teve cinco filhos; João Eduardo, Paulo Joaquim, Maria Alexandra, José António e Elisa Maria.



Notas:

(1) O mérito, como ensinou às centenas de Advogados que formou no seu escritório de sempre, entre os quais, os filhos João Pereira da Costa e José Pereira da Costa, ou no Contencioso do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, (hoje Mais Sindicato, onde trabalhou durante mais de três décadas, assumindo a sua coordenação na década de 90), “é sempre da equipa”.

(2) Dizia frequentemente que a “Advocacia é a mais livre das profissões, custe o que custar”.

(3) Homenagem que teve lugar na Assembleia da República, numa iniciativa do Movimento NAM, organizada por esse movimento e que obteve o apoio da Ordem dos Advogados e da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da AR.

(4) A coincidência de ser homenageado, com os pares da sua geração, na cidade onde o Pai exerceu, deixando marca na Advocacia da Comarca, não deixou de ser realçada com emoção. Afinal, foi o retorno à casa de partida, a cidade que o viu crescer e onde nasceram as primeiras amizades. - A sua cidade de Setúbal.

Biografia da autoria de Alexandra Simão José, João Biscaia e João Escarduca (com colaboração pontual de Helena Pato).



UM REGIME ONDE CANTAR ERA PROIBIDO

ZECA AFONSO

Algumas das suas canções foram proibidas pela censura e os discos aprisionados.

José Afonso foi o principal músico, compositor e cantor de intervenção em Portugal. Tornou-se um símbolo da resistência democrática contra a ditadura que dominou o país entre 1933 e 1974.

Professor de História, é expulso do ensino oficial em 1967, por incompatibilidades ideológicas face ao regime ditatorial vigente e forte opositor do regime salazarista

Em 1967-70, Zeca Afonso, protagoniza uma intervenção política e musical ímpar, convertendo-se num símbolo da resistência e várias vezes detido pela PIDE.

Ergueu a voz contra o fascismo, solidarizou-se com a luta dos povos coloniais pela independência nacional. Sofreu perseguições, passou pelas cadeias políticas, resistiu e incentivou todos os que se opunham à ditadura.

Entre Abril e Maio de 1973 esteve detido no Forte-prisão de Caxias pela PIDE/DGS

A sua cantiga “Grândola Vila Morena”, foi transmitida pela Rádio Renascença. Foi a senha para o arranque das operações do Movimento das Forças Armadas (MFA) e para o início da sublevação militar que culminou com o 25 de Abril de 1974. O povo é quem mais ordena



O FADO PROIBIDO de Amália Rodrigues

FADO LAMENTO ou FADO DE PENICHE

Letra: David Mourão Ferreira.

Música: Alain Oulman.

Por volta de 1962, o fado interpretado por Amália Rodrigues, *Lamento*, também conhecido como o *Fado de Peniche*, foi proibido por ser considerado um hino aos que se encontravam presos em Peniche.



O dia 25 de Abril de 1974 a prisão da Fortaleza de Peniche foi cercada por uma força militar do MFA proveniente de Leiria, mas os elementos da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) só se renderam na manhã do dia seguinte.

A concentração de populares junto à Fortaleza, a ação dos militares do MFA e a decisão tomada pelos presos de que ou “saíam todos, ou nenhum” impulsionaram a libertação dos presos concretizada, enfim, na madrugada do dia 27 de abril. (IN: Museu Nacional, Resistência e Liberdade. Fortaleza de Peniche).

FADO LAMENTO

Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar
Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar.

Foi de noite, numa noite
De todas a mais sombria
Foi de noite, foi de noite
E nunca mais se fez dia.

Tão longe que o meu lamento
Não te consegue alcançar
E apenas ouves o vento
E apenas ouves o mar.

Ai! Dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar
Ai! Dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar.

Levaram-te a meio da noite
A treva tudo cobria
Levaram-te a meio da noite
A treva tudo cobria.

Oiço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar
E ao menos ouves o vento
E ao menos ouves o mar.

CONSTRUÇÃO REIS
de Dário Reis



- Montagem de tetos e paredes em pladur, madeira e PVC;
- Construção
- Pintura e impermeabilização

Telf. 926 539 301 - Email: darioreis1983@gmail.com

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.

Tlm. 934 059 158

Caixilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis

Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoá
Lote 38



de
Joaquim Martins Moreira Costa

7670 Garvão

Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913



POESIA

Avelino Botelho

O lamento de uma mãe sobre o filho que morreu na guerra do ultramar

I

Um dia no cais de Alcântara
De lenço branco na mão
Fui dizer adeus à barra
A saudade era tanta
Que sentia no coração
O vibrar duma guitarra

II

Na hora da despedida
Vi partir para outra terra
Um filho que tanto amava
Num adeus pra toda a vida
Disse adeus que eu vou para guerra
Sem saber se ainda voltava

III

A pátria assim me chamou
Na hora mais derradeira
De toda a sua existência
É por isso que aqui estou
À sombra desta bandeira
E marcha de continência

IV

Vai filho e torna a voltar
Cumprir bem o teu dever
Já que o teu destino assim o quis
Defendendo o teu lugar
Nunca te deixes vencer
Para eu ser mais feliz

V

O meu destino depende
Se houver milagres na vida
Como será a tradição
Só assim se compreende
Que ele regresse à pátria querida
De lenço branco na mão



Avelino Botelho
Natural de Vale de Santiago
Nasceu 20/4/1916
Faleceu 27/5/1994

VI

Toda a esperança acabou
De eu ainda tornar a ver
Aquela imagem tão querida
Ouve um sonho que me embalou
Dizendo, assim, podes crer
Que o teu filho já não tem vida

VII

Um dia, meses mais tarde, quando
Vi chegar um dos estafetas
À minha porta bateu
Que disse para mim chorando
Este papel com letras
Diz que o teu filho morreu

VIII

Num dia de liberdade
Houve uma aurora brilhante
O conflito acabou
Soltou muita necessidade
Com tanto abraço constante
Mas o Chico não voltou.

“25 DE ABRIL”

Poema da poetisa Sophia de Mello Breyner

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo,
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres, habitamos a substância do tempo.

Sophia de Mello Breyner Andresen, In: (O Nome das Coisas, 1974)



O marido de Sophia de Mello Breyner, Francisco Sousa Tavares, reconhecido antislazarista, foi advogado de defesa de presos políticos do antigo regime. A denúncia frontal e persistente desse regime levou-o, por duas vezes, à prisão, em 1966 e 1968.

Participou, activamente, na campanha do General Humberto Delgado, o que motivou a sua expulsão do Ministério do Trabalho em 1958. Tomou parte na tentativa de derrube do regime, conhecido pela Revolta da Sé (11 de Março de 1959). Candidatou-se pela CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) nas eleições legislativas de 1969. Em finais de 1972, participou na «vigília da Capela do Rato».

FUNERÁRIA ALENTEJANA
Ourique - Saboia - Celos - Garvão
S. Luís - V. N. Mil Fontes

Agencia Funeraria Alentejana
Funerais e traslagações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
7690-909 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funalentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
loja 30 Cave
Rua Gago Coutinho 72
7665-820 Saboia
Tel - 263 882 117
Estrada Nacional
S. Luís
Odemira

Joaquim Gonçalves 938610895
Elio Guerreiro 969163670
932609540
Pedro Gonçalves 932609541

CARPINTARIA CONVERSA
EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005
Garvão - Ourique

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22

de: Joaquim Martins Moreira Costa

Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

PADARIA VITÓRIA

Joaquim
Rosário Guerreiro

Telef. 286 555 133
Rua Nova 2 7670-141 GARVÃO



CASA DO POVO

ANTIGA CASA DO POVO DE
GARVÃO
ACTUAL
CENTRO SOCIAL
CULTURA e RECREIO

A actual direcção, tem assegurado o funcionamento desta Casa do Povo de Garvão, há já vários anos. Apesar da falta de pagamento das quotas pelos sócios, nunca se deixou de prover para a manutenção do edifício e sempre esteve aberta para a população em geral.

Assegura, igualmente, que a componente democrática nunca esteve em causa; apesar do afastamento de muitos sócios e a respectiva falta de pagamento das quotas, as eleições estatutárias têm-se mantido ao longo dos anos e nesse sentido irão ser realizadas as devidas eleições este ano de 2024.

Mais informa que as quotas se encontram a pagamento, para qualquer sócio que as deseje regularizar, assim como está disponível o impresso de inscrição, para a admissão de novos sócios.

Tendo em consideração os afazeres familiares e profissionais dos membros da Direcção, a colecta das quotas e a admissão de novos sócios, está condicionada aos fins de semana e quando haja disponibilidade de algum membro da direcção para as receber.

Ainda, segundo a actual direcção, assegura-se, assim, a possibilidade de participação da maioria dos sócios que desejem participar.



CALISTO

O caso da Televisão, do Bandido e... da Prisão!!



Viva o Bandido, exclamou, Calisto Joaquim, de sua graça, quando entrou no Café Crocodilo e deparou-se perante um discurso de Salazar na televisão que entoava em toda a sala.

Viva o Bandido, tornou a exclamar e tudo ficou mudo e calado, conhecedores das consequências de qualquer manifestação antagónica ao regime.

Uns calados, incrédulos perante tal inconsciência, outros espantados perante tal foiteza, e ainda para outros, tal atrevimento iria trazer represálias.

Era dia de pagamento da jorna e era certo que Calisto Joaquim “molharia o bico” senão em todas as tabernas, vendas e cafés da vila, pelo menos naquelas que apresentavam, a agora, novidade da televisão e, pelo menos enquanto os tostões tilintassem nas algibeiras ia bebendo.

Bom bebedor, não deixava de beber o seu copinho quando a parca economia caseira o permitia, e nem deixava por mãos alheias a sua contestação ao regime, não fosse ele afinal sobrinho de Francisco Parreira, da família dos Gusmão, preso pela PIDE, (ver página 11).

Quentinho ou com um *grão-na-asa*, rumou a altas horas a casa, podia varrer a rua de lado a lado, esquivando-se a algum buraco ou barreira que lhe estorvasse o passo, a casa sabia ele onde era e no outro dia estaria pronto e fresco para mais uma jornada de trabalho.

Conforme as lembranças e o relato de Augusto Charrua, 91 anos de idade, (já mencionado neste Jornal), (...) *dias depois, estávamos nós muito bem a apanhar seixos, para o arranjo das estradas, quando vemos aproximar um carro preto vir direito a nós, hó diabo, dissemos nós, o que é que estes quererão? saem de lá uns tipos, vestidos também de preto, todos sisudos e perguntam com voz alta, qual de vocês é que é o Calisto Joaquim?*

Sou eu, respondeu prontamente o ingénuo aprendiz de opositor político e sem nada desconfiar, aproximou-se dos *senhores do carro preto*.

Anda connosco, entra para dentro do carro, assim sentenciaram, não se apresentaram, nem disseram os bons dias e muito menos se despediram, mas quem assistiu, sentiu pelo tom autoritário da voz, com que se lhes dirigiram que o Calisto estava em maus lençóis. De Beja levaram-no para o Aljube e do Aljube para Caxias e de Caxias sabe-se lá para onde, o certo é que de cada vez que o mudavam, mais interrogatórios se sucediam e mas torturas sofria no seu já massacrado corpo.

Fui amassado, mas bem amassado, segundo relatou aos colegas, depois de largas semanas preso, podiam-no ter judiado, berrado e humilhado, mas de nada valeu, pois Calisto Joaquim não sabia de nada, não sabia cá de células da oposição comunista, de prospectos revolucionários ou de reuniões secretas, (se calhar até sabia!), só sentia na pele a carestia da vida e as agruras de uma vida de trabalho de Sol a Sol, sem horas para entrar e sem horas para sair, ainda o Sol não tinha nascido e já estava a trabalhar e a trabalhar continuava já o Sol se tinha posto, até ser dada ordem para pararem.

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 – Resid. 286 555 381
Rua do Alamo, 12 GARVÃO

Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos

Coordenada: Maria de Fátima, Catarina, Bárbara
Tel. 934 785 927 / 936 234 652
Rua do N.º 11 ** 7670-136 Garvão

FUNCHEIRA

“Moscovo do Alentejo”



Era assim que nos anos quentes da contestação à ditadura, era conhecida a Estação da Funcheira, na freguesia de Garvão.

De facto, desde a implantação da ditadura até ao seu derrube pelo 25 de Abril de 1974, os ferroviários, de uma forma geral e em particular os da Funcheira, aliados aos restantes trabalhadores rurais da freguesia, contribuíam significativamente na contestação ao regime.

Em Garvão, (a contestação fervilhava), não só entre os membros mais dinâmicos e das células comunistas, mas, igualmente, nos trabalhadores e habitantes em geral, a contestação, fazia parte do dia a dia; o medo da denúncia; a fuga às autoridades, a cautela do que se dizia e de com quem falava, era uma preocupação constante.

Não é de admirar que ainda hoje, 50 anos depois do fim das perseguições e da repressão, quando se pergunta, a pessoas já com uma idade avançada, *O Que É Representa Para Si O 25 De Abril?* respondam: *É a gente andar na liberdade. Á vontade. Sem medo de ser preso, ou de ser denunciado.* (Augusto Joaquim “Charrua”, 91 anos de idade), ou de, na primeira eleição livre em Portugal, alguém tivesse escrito no boletim de voto PCP, caso de Artur Malveiro, 79 anos de idade, em 1975.

A Funcheira era, de facto, um polo revolucionário, local de forte agitação política, de trabalhadores, senão sindicalistas, pelo menos politicamente conscienciosos e activos, conhecedores dos vários processos de luta, comícios e acções de propaganda, sempre na vanguarda das lutas político-sindicais que se observaram depois da implantação da ditadura. A Funcheira era o lugar mais propício, para as suas lutas e, o Alentejo, devido a factores históricos de distribuição de terra e injustiça na partilha dos recursos gerados, a região onde as populações seriam mais receptivas à sua mensagem.

A génese da contestação política em Garvão, remonta aos tempos da monarquia, com anarquistas e republicanos, mações e carbonários. José Júlio da Costa, natural de Garvão, é uma figura incontornável nessa contestação política. Autor do atentado que vitimou o presidente da República Sidónio Pais, (percussor do regime autoritário em Portugal), viu-se envolvido, como mediador, na ocupação de terras no Vale de Santiago em 1918.

A sua acção, apesar da repressão que se gerou na vila e na perseguição à sua família, era um trauma que se manteve no subconsciente colectivo dos populares da vila de Garvão e que seria sanado na primeira oportunidade, como o foi depois do 25 de Abril de 1974, com a nomeação de Celestino da Costa, irmão de José Júlio da Costa, para primeiro presidente da Junta de Freguesia de Garvão, após a restauração da democracia, através da qual se fez justiça, (e o presente se reconciliou com o passado).

Ti Farrapinho

O caso da Foice, do Martelo e... da Prisão!!



António Jacinto Maria, mais conhecido por Ti Farrapinho, alfaiate de profissão, herdado do seu sogro, João da Graça, (descendente dos *Borreiros* de Villanueva de los *Castillejos*, Andaluzia, Espanha), *morava numa casinha humilde da «Outra Banda», erguida ao lado da igreja da Nossa Senhora da Assunção¹, um larguinho para o qual abre a porta da casa onde viveu, uma rua estreita à esquerda, oliveiras centenárias num quintal e ali vivia o Ti Farrapinho, entregue ao seu trabalho de alfaiate, tal como antes o seu sogro, cortando e cosendo a forte saragoça dos fatos encomendados.*

A destreza com a tesoura, fazendas, linhas, agulhas e dedais, não correspondia à sua habilidade de pedreiro; se nas fazendas era mestre, não se dava muito bem no trabalho de obras (de alguma porta, janela ou poiais) que precisassem de arranjo.

A falta de jeito, deixava-o de mau feitio, ou por falta de habilidade, ou já quentinho de alguma pinga vinícola, deixava-o de mau humor e a obra, no poial, que tentava arranjar não saía muito bem, ou porque o cimento ou pedra partiam noutra lugar, ou porque, talvez, o martelo pendia para o sítio errado.

- *O que é que falta aí, mestre António*, gracejou um passante, perante tão desajeitado trabalho, na esperança de, senão em irritar o atormentado alfaiate, pelo menos de se armar em engraçado.

Para o destemperado aprendiz de pedreiro era demais; não bastava já as dificuldades na obra e o poial ainda para arranjar, como agora, um a querer galhofa!

A resposta não se fez esperar, *falta a foice e o martelo*, e se o martelo não seria a ferramenta apropriada para tal trabalho, uma foice também não o era com certeza e se o outro se estava armado em engraçado, talvez, com umas marteladas na cabeça com o martelo, ou com a foice para lhe cortar a língua, se lhe acabasse com a graçola.

O certo é que tanto repetiu a frase, *foice e martelo*, sucessivamente, que foi denunciado.

Nesse mesmo dia vieram buscá-lo para interrogações. Passou vários dias na prisão a pão e água, a quererem à viva força que respondesse ao que não sabia, ou que denunciasse quem desconhecía.

Passou mal, relatou depois à família. Tirado do seu local de trabalho e da casa familiar, com roupa para talhar e família para sustentar, viu-se submetido a perguntas humilhantes pela PIDE, só por ter mencionado uma foice e um martelo.

¹ Parafrazeando Joaquim da Costa, no Livro *Sul e Sueste* de 1940.



C. M. de OURIQUE COMEMORA 25 DE ABRIL E ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

Em 2024, Portugal comemora os 50 anos da Revolução dos Cravos, que abriu as portas à Liberdade e à Democracia.

Este ano, o Município de Ourique preparou um conjunto de atividades de comemoração do 25 de Abril e do 13º Aniversário da Biblioteca Municipal de Ourique, numa convergência que sublinha a importância da memória e da cultura para a formação de cidadãos comprometidos com a liberdade de pensamento, os valores democráticos e uma participação cívica positiva, mesmo que crítica.

É um conjunto de iniciativas diversificadas, que devem ser vividas e participadas por todos.

In: www.cm-ourique.pt

(...) Exposições, concertos, espetáculos de teatro, cinema e sessões de contos são alguns dos destaques no programa, que tem o apoio das juntas de freguesia e que arrancou a 8 de fevereiro, na Biblioteca Municipal Jorge Sampaio, com a abertura de uma secção documental sobre temas relacionados com o 25 de Abril e a inauguração da exposição “Um Século de Portugal: Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto” (...).

In: <https://correioalentejo.com/>

COMEMORAÇÕES



E DO 13º ANIVERSÁRIO
DA BIBLIOTECA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OURIQUE
Jorge Sampaio



<p>17 SEG</p> <p>ESPECTÁCULO "Ó, QUE BONITO SERIA!"</p> <p>PELA ASSOCIAÇÃO CATRAPUM CATRAPELA</p> <p>14H00</p>	<p>18 TER</p> <p>ESPECTÁCULO "CATRAL_PUME"</p> <p>PELA ASSOCIAÇÃO CATRAPUM CATRAPELA</p> <p>10H00 e 14H00</p>	<p>19 QUA</p> <p>"A POESIA É UMA ARMA CARREGADA DE FUTURO"</p> <p>POR PEDRO LAMARES</p> <p>19H00</p>
<p>20 QUI</p> <p>"PARTICIPAR AGORA!"</p> <p>OS JOVENS E A SUA PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE</p> <p>14H30</p>	<p>24 SEG</p> <p>"MANHÃ DE ABRIL"</p> <p>PLANTAÇÃO DE CRAVOS E CANÇÕES DE ABRIL</p> <p>PELA ASSOCIAÇÃO CATRAPUM CATRAPELA</p> <p>VAMOS CANTAR OS PARABÉNS À BIBLIOTECA</p> <p>10H30</p>	<p>24 A 30</p> <p>EXPOSIÇÃO "A LIBERDADE NÃO É UMA PALAVRA É UMA ATITUDE"</p>

Atividades a decorrer na Biblioteca Municipal



QUEM É?

**O misterioso residente em Garvão que,
abnegadamente, 383 anos depois do Primeiro de
Dezembro de 1640, ainda celebra essa data, todos os
anos, lançando foguetes para o ar?**

Primeiro ouviu-se um e depois outro ou mais foguetes, segundo os vários relatos das pessoas da vila.

Só que, no passado 1 de Dezembro de 2023, na falta de foguetes, o incógnito mandou um tiro de caçadeira; infelizmente, trocou os cartuchos e em vez de ter detonado um de pólvora seca, sem chumbos que só faz barulho, detonou um de caça, apontando para o ar, mas na direção da vila e escusado será dizer que alguns telhados foram pulverizados com chumbinhos de caça, embora, sem consequências graves. Uma histórica lembrança do que terá sido o Primeiro de Dezembro de 1640 que, nobremente, comemorava.

Imagem: Miguel de Vasconcelos - O traidor, defesnetrado do primeiro andar do Paço Real no Terreiro do Paço, em Lisboa, em 1 de Dezembro de 1640.

